

A GRÉCIA DE HERÓDOTO: uma arqueologia geográfica

Jahan Natanael Domingos Lopes¹

Artigo recebido em: 16/10/2023

Artigo aceito em: 30/07/2024.

RESUMO:

Para desvelar, através da arqueologia foucaultiana, o saber discursivo de Heródoto (484 – 425 a.C.), visou-se a um estudo, entre identidades e diferenças, de sua obra *História*. Disso, parte-se do método arqueológico ao saber geográfico. No mundo grego, delimitaram-se duas camadas de pensamento: a camada egoica, entre heróis por Homero e deuses por Hesíodo e a camada de alteridade, entre a guerra greco-persa de Heródoto e a guerra do Peloponeso de Tucídides. Aliás, entende-se que Heródoto não existe senão à medida da gramática, da semântica, do léxico e do conteúdo material de sua camada histórica. A Grécia, portanto, existe como discurso da situação contemporânea do autor pelo encontro de si no Outro e do Outro em si. Assim, abre-se o tempo grego em uma geografia arqueológica.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento geográfico; Geografia histórica; Arqueologia; Territorialidade.

THE HERODOTUS' GREECE:

A geographic archaeology

ABSTRACT:

In order to unveil, through Foucaultian archaeology, the discursive knowledge of Herodotus (484 – 425 BC), the aim was to study, between identities and differences, his work *History*. From this, the archaeological method is based on geographical knowledge. In the Greek world, two layers of thought were delimited: the egoic layer, between heroes by Homer and gods by Hesiod, and the layer of alterity, between the Greco-Persian war of Herodotus and the Peloponnesian war of Thucydides. In fact, Herodotus does not exist and is understood if not by the grammar, semantics, lexicon and material content of its historical layer. Greece, therefore, exists as a discourse of the author's contemporary situation through the encounter of self in the Other and of the Other in itself. Thus, Greek time opens up in an archaeological geography.

¹ Graduando em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7334620447042840>. Identificador ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0410-5219>. E-mail: jahan_natanael@hotmail.com.

KEYWORDS: Geographic thinking; Historical geography; Archaeology; Territoriality.

1. Introdução

Ele vai bem, o velho Heródoto. É lido (pelo menos supõe-se), editado, glosado e interpretado. Estará satisfeito com isso?

(Hartog, 1999, p. 15)

Ao movimento da pós-modernidade, as diferenças e as descontinuidades marcam a trama, peremptoriamente intensificada, de multiplicidades histórico-discursivas. Entende-se, adentro desse processo, uma desestruturação da unidade, tal como pode-se dizer de um livro: “Por mais que o livro se apresente como um objeto que se tem na mão; por mais que ele se reduza ao pequeno paralelepípedo que o encerra: sua unidade é variável e relativa.” (Foucault, 2022, p. 28). O livro, então, é apontado pelo ensejo de ressaltar a diversificação dos elementos que o constitui. Doravante, ao mesmo tempo como contraponto e como fundamento, parte-se da história universal para a realidade diferencial de todo o objeto analisado. Ademais, entre o lado do saber (transcendente) e o lado da ciência (imane), tratam-se: “Os dois lados conjuntamente – a história conceituada – formam a rememoração e o calvário do espírito absoluto; a *efetividade*, a *verdade* e a *certeza* de seu trono, sem o qual o espírito seria a solidão em vida” (Hegel, 2014, p. 531, destaques nosso). Desse modo, vive-se o estilhaçamento do espírito em um processo inverso à constituição da identidade, isto é, com a arqueologia do saber, através dos discursos, tomam-se os enunciados, infindavelmente, ampliando-os em uma explosão.

Nesse sentido, visionar-se-á a um caminho oposto à história das ideias (tecida pelas continuidades) em suas permanências, tratando-se *mutatis mutandis* da história dos conceitos (tecida pelas descontinuidades) em suas rupturas. Dito isso, pauta-se em um percurso orientado conforme as transformações dos discursos, fato que não é novo:

O mundo da história não foi sempre pensado sob aspecto da unidade histórico-universal. Como mostra o caso de Heródoto, ele pode ser considerado também como um fenômeno moral. [...] [Há uma] quantidade de exemplos, mas não uma unidade. (Gadamer, 2015, p. 283)

A concepção historiográfica, promovida pelo historiador grego, remete à meta-história à qual a história ajuíza sobre si mesma mediante a um sentido de diferenças. Por isso, entranha-se nesse mundo herodoteano com o seguinte critério: “A herança da Antiguidade é como a própria natureza, um vasto espaço a interpretar; aqui e lá é preciso arrolar signos e pouco a pouco fazê-los falar.” (Foucault, 2016, p. 46). O sistema linguístico dita as normas perante o sistema discursivo das possibilidades de serem materializadas nos textos literários e o contexto, sobretudo, delimita as bordas interdidas de uma camada de pensamento.

Avança-se, por conseguinte, em uma exegese arqueológica, almejando a discernir acerca do sentido territorial grego, visada a partir de Heródoto de Halicarnasso (484-425 a.C.). Em verdade, como a uma musa, esse autor será submetido à dissolução de sua estrutura, eis nosso alvo: “Heródoto (chamado ‘pai da história dos gregos’, que, aliás, escreveu com linguagem vulgar).” (Vico, 1979, p. 107). Na contramão do caminho de instigar para além da trama hagiográfica e da trama bibliográfica, rentes às continuidades, desvela-se rumo à seguinte sentença sociolinguística mediante que em:

toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, [...] esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 2014, p. 8-9)

Assim, as normas e as regras são pautadas como *episteme* em termos de gramática, semântica, léxico e conteúdo material de uma camada arqueológica do saber. Nisso, Heródoto segue estritamente as diretrizes de seu contexto, segundo a linguagem de seus horizontes histórico-geográficos, concretizado em seus livros somente o possível de sua camada.

Por mais, afere-se a situar o discurso herodoteano como uma manifestação própria da linguagem grega (da *episteme* grega), tanto em suas verdades quanto em suas mentiras. Evoca-se, o tão conhecido pai da história como, inclusive, pai das mentiras de sua época: “O pai não é necessariamente o mentiroso, mas é porque ele é o pai que surge igualmente como mentiroso. Olhando-os assim, Heródoto e a sequência de suas interpretações formam um espelho que aumenta as coisas”

(Hartog, 2014, p. 402). Disso, encontra-se uma paridade entre a sabedoria grega e a especificidade do conhecimento histórico construído pelo halicarnassiano adentro de sua delimitação espaço-temporal. Com efeito, define-se o conceito de camada arqueológica: “Por *episteme* entende-se, na verdade, o conjunto de relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados” (Foucault, 2022, p. 231). A partir da configuração das *epistemes*, imersas no espaço e no tempo, têm-se, portanto, as unidades múltiplas em múltiplas unidades. Pela abertura arqueológica, Heródoto é semente e fruto de sua camada histórico-geográfica.

As limitações de Heródoto são a sua própria época limitada, afinal, seus dados não fornecem informações irrevogáveis, sendo contingentes tanto pelas adversidades de idiomas desconhecidos, quanto dos poucos documentos disponíveis, mas também pela técnica visora de expressividade artística. Em exemplo, diz-se:

Dario foi o artífice da organização definitiva do império, dividindo em vinte ‘satrapias’. A lista apresentada pelo próprio Dario (inscrição de Behistun) não coincide com a apresentada por Heródoto, que, no entanto, parece derivar de fontes autênticas. (Liverani, 2020, p. 751)

Dessarte, encara-se a obra mediante a sua poética (criação) a partir de um sistema de pensamento em curso histórico. Defende-se, tão logo, a seguinte colocação: “Há o que é dito por Heródoto e o que se sabe por outras formas. O que se sabe serve para criticar o que se diz, e o que se diz (uma vez criticado) aumenta o que se sabe.” (Hartog, 2014, p. 47). Nesses perpasses, averigua-se a leitura de um autor não à procura da verdade pura, mas da verdade florescida por sua camada arqueológica, isto é, das sentenças que transpassavam o autor como verdadeiras.

Em guisa das camadas aqui sobrepostas, recupera-se a pensar em dois horizontes epistêmicos propriamente gregos. Elencam-se, em subsequência, estes dois estratos de pensamentos: 1) a camada mítica, evidenciada pelas obras acerca dos deuses por Hesíodo (1995) e acerca dos heróis por Homero (1999; 2014) e, a mais recente, 2) a camada realista, por meio das obras historiográficas tanto das guerras greco-persas (ou Médicas) de Heródoto (2019a; 2019b), quanto da guerra do Peloponeso de Tucídides (2001). Esses dois horizontes, em duplas de autores,

promovem diferenças imponentes; a primeira, transmite a fase egoica em que os gregos conheciam a si mesmos e, por conseguinte, a fase de alteridade na qual os gregos conheciam os Outros e, sobretudo, como os Outros constituem a si mesmos enquanto comunidade grega.

Nesse perpasso, irromper-se deve ao cerne, ou seja, à questão herodoteana – formada pela camada de alteridade – que é a constituição da Grécia a partir de um espaço-tempo aberto às interações culturais. Nisso, transcorre-se:

Heródoto escreveu sua obra entre 445 a 425 a.C., tendo como tema as guerras pérsicas, e criou um novo gênero narrativo baseado na pesquisa (*historiái*), na descrição geográfica e na comparação da cultura helênica com a dos chamados bárbaros. (Flores, 2010, p. 10)

A situação de disjunção dos pensamentos em camadas é inversamente proporcional à conjunção dos homens em discursos; isto é, a colocação da:

História no espaço epistemológico é de grande importância para sua relação com as ciências humanas. [...] homens [...] contemporâneos, não visam jamais senão a cortes sincrônicos no interior de uma historicidade que os constitui e os atravessa (Foucault, 2016, p. 513)

O incurso no panorama herodoteano, paralelo ao panorama grego, alude a uma condição irrevogável, em seu tempo geográfico, de convivência com a diferença.

Conduz-se, então, a uma concepção geográfica da estratificação do tempo em horizontes arqueológicos do saber. Assenta-se, nesse sentido, para: “Uma abordagem que aponta para uma arqueologia do saber geográfico.” (Moraes, 2017, p. 131). Por uma trama de enunciados, enlaça-se o discurso em um direcionamento às concepções descontínuas em sintonia, isto é:

O tempo da ciência não perde, pelos aperfeiçoamentos da cronometria moderna, seu caráter de fluxo contínuo ao longo de posições descontínuas. [...] A sucessão do tempo apenas reproduz a sucessão das coisas com as quais lidamos.² (Dardel, 1946, p. 54-55, tradução nossa)

Desse caminho, guia-se a partir da geografia arqueológica para a discussão do pensamento grego situado no halicarnassiano.

² “Le temps de la science ne perd pas, à travers les perfectionnements de la chronométrie moderne, son caractère d'écoulement continu le long de position discontinue. [...] La succession du temps ne fait que reproduire la succession des choses dont on s'occupe.”

Ao mais, ressalta-se, na exegese deste brilhante escritor grego, a submissão a uma rigorosa arqueologia do saber, promulgando o encontro para com o sentido de seu discurso sobre a Grécia. Atenta-se, em uma célebre asserção, que a história epopeica de Heródoto expõe o processo de descoberta de si no Outro e do Outro em si. Fora dos redutos da originalidade, buscar-se-ão elucidar o território do discurso e o discurso do território. Isso posto, a primeira seção delimita os fios transcorrentes ao autor em fundamentação da camada da qual constitui o discurso de sua obra e a segunda seção conduz-se de modo geral às asserções – pelas identidades e pelas diferenças – em pauta da constituição do território grego em suas múltiplas interações discursivas. A questão cerne a ser encaminhada, na historicidade da cultura grega através de Heródoto, é discutir pela arqueologia geográfica: o que é a Grécia?

2. Heródoto não existe

É que as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede.

(Foucault, 2022, p. 28)

O desempenho de uma produção tão rica quanto a do trabalho herodoteano leva, primordialmente, a questionar: o que é Heródoto? Antes de nada, é um historiador. Deriva-se esse profissional a partir da etimologia da história: “O *hístōr* seria, antes de tudo e por princípio, um olho – e *hístōríē*, por sua vez, alguma coisa (senão uma história) relativa ao olho.” (Hartog, 2014, p. 22). Desse modo, a corporalidade admite sua incursão no processo de investigação perceptiva do entorno, focando-se no que se vê como base da *verdade*. Outrossim, uma visão leviana não deve ser assumida porque não se trata de um hermético olhar abjeto: “a *hístōríē* não é, de início ou somente, uma operação que, do ver, extrai o saber, mas principalmente um processo linguístico que, em certos casos, consegue fazer ver.” (Hartog, 2014, p. 25). A noção de reprodução da perspectiva experienciada é de suma importância na qualificação da história em seu sentido existencial, ao passo que o olho de um permite ser o olhar de outrem.

Ainda na concepção do olho perpétuo, a saber, da reprodução textual em vista de permitir aos leitores a continuidade da construção da paisagem do mundo, percebe-se que há uma disciplinaridade científica esboçada em uma noção panóptica (*pan*, vários e *óptica*, olho). A relação estabelece-se através do desejo, atualmente mecanizado, de alcançar um sistema apoteótico:

O aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo ver permanentemente. [...] lugar de convergência para tudo o que deve ser sabido: olho perfeito a que nada escapa e centro em direção ao qual todos os olhares convergem. (Foucault, 2014, p. 170)

A história é panóptica em um sentido ideal, haja vista reproduzir as condições experienciadas através dos documentos, formulando arquivos de constituição holística. As lentes herodoteanas visam, sem delongas, à geografia como condição descritiva da trama de lugares constituintes de seu mundo, entramando tanto as relações internas quanto as relações externas.

Em verdade, sua obra transita, com um fio condutor, uma história sequencial dos eventos, particularizando as histórias de vida de existências cujas decisões influenciaram nas dinâmicas das cidades, das guerras, dos impérios etc. O grande contexto de sua camada é alicerçado pela guerra greco-persa (mais conhecida como Guerras Médicas). A partir de sucessivos raptos de mulheres, entende-se a origem cosmológica desse conflito: de Io (grega raptada pelos fenícios), de Europa (fenícia raptada pelos gregos), de Medeia (colquidense raptada pelos gregos) e de Helena (grega raptada pelos troianos) (*História*, I, 1-3). Nesses horizontes, permeia-se o princípio de inimizade, o qual se projetará por todo o mosaico do mundo mediterrâneo:

Quanto a mim, não pretendo absolutamente decidir se as coisas se passaram dessa ou de outra maneira; e, depois de ter narrado o que conheço [...] prossigo minha história, na qual tratarei tanto dos pequenos Estados como dos grandes (*História*, I, 5)

Com isso, o autor busca, mediante a sua linguagem, expressar a verdade epistemológica entramada pelas distintas sociedades coexistentes; para além de si, ele procura um completo panorama geográfico de seu mundo.

Em concepção de situar a sua obra, compendiam-se nove livros, cada um dedicado a uma musa, e o plano geral intitulou-se *História*. Desabrocha-se, pois, uma arte científica na escrita épica de gênero narrativo, inclusive, com diversos momentos de diálogos em prosódia. Desse modo, o halicarnassiano transcende sua finitude por intermédio da escrita, haja vista que: “Só há história (trabalho, produção, acumulação e crescimento dos custos reais) na medida em que o homem como ser natural é finito” (Foucault, 2016, p. 356). As musas, com suas respectivas responsabilidades, marcam a seguinte ordem dos livros historiográficos:

- I – Clio, a musa da História.
 - II – Euterpe, da Poesia Lírica.
 - III – Tália, da Comédia.
 - IV – Melpômene, da Tragédia.
 - V – Terpsicore, da Dança.
 - VI – Érato, do Amor.
 - VII – Polímia, da Religião.
 - VIII – Urânia, da Astronomia.
 - IX – Calíope, da Poesia Épica.
- (Azevedo, 1965, p. 104)

A partir dessa correlação religiosa, permite-se situar a crença de um autor propriamente grego, reverente aos discursos sagrados, apesar de mediado por uma intenção de narrar, para ser reproduzido, o que se pode ver. Outrossim, tudo aquilo que o autor narra é tão somente o que a sua língua – permeada pela cultura – permite ser dito, afinal: “uma língua constitui sempre um sistema para enunciados possíveis – um conjunto finito de regras que autoriza um número infinito de desempenhos.” (Foucault, 2022, p. 33). Nesse plano, os discursos são possibilidades de pensamentos que são abertos por um conjunto de enunciados efetivados: pela fala ou pela escrita. Por isso, assenta-se a condição de que: “A linguagem é toda ela *discurso*, em virtude desse singular poder de uma palavra que passa por sobre o sistema dos signos em direção ao ser daquilo que é significado.” (Foucault, 2016, p. 132, destaque do autor). O dito, sem embargo de sua infinidade de dizeres, é regrado por diretrizes fixas espaço-temporalmente e, tanto o que é original quanto o que é tradicional, permeia-se de possibilidades já em curso no sistema de pensamento de uma camada arqueológica.

Compenetra-se, ademais, em uma ampla gama de enunciados em cada arranjo discursivo preludiado pelos livros. Elencam-se, pelo próprio autor, as temáticas transcorridas no decorrer das primeiras obras, concernentes às principais discussões geográficas: I. Clío: “Os persas – Os medos – Babilônia – Cresos – Candolo e Gigés – Ciro – Semíramis – Tómiris” (*História*, I, 1-216); II. Euterpe: “Egito – Ísis – O oráculo de Dodona – Sesóstris – Rampsinito – Heliópolis – Elefantina – O Nilo – Embalsamentos – Sepulturas – Os 12 reais – Psamético – Vegos – Psámis – Áprius – Amásis” (*História*, II, 1-182); III. Tália: “O Egito – A Pérsia – Cambises – Mênfis – O boi Ápis – A Etiópia – Polícrates – Amásis – O falso Esmérdis – Dario – O cerco de Babilônia – Zópiro” (*História*, III, 1-160); IV. Mêlpomene: “A Cítia – Hércules – Os Grifãos – Os Hiperbóreos – Descrição da Terra – O povo de Cílix – Costumes dos Cítas – Anacáris – A expedição de Dario – O Ponto Euxino – As Amazonas – Os Trácios – Os Getas – A Líbia – O culto do Sol” (*História*, IV, 1-205). Esses quatro primeiros livros advogam extensas e vívidas descrições tanto naturais quanto humanas de toda a espacialidade do mundo conhecido pelos gregos. De fato, a geografia herodoteana está enfaticamente no decorrer desse quarteto literário, fornecendo uma perspectiva deveras detalhada dos grandes Estados da Terra até os limites populacionais do mundo geográfico.

Os demais livros prefiguram a distensão maior da guerra, narrando, minuciosamente, todos os grupos de povos constituintes do exército grego e do exército persa e, no entretanto, pontuando cada batalha desde sua origem até seu desfecho. Os enunciados desses últimos cinco livros são deveras extensos e partilham de posições detalhadas ao que diz a despeito da guerra em processo. Talvez o mais crucial para o delongar da história sejam aos gregos pelas descrições, sobretudo políticas, de Atenas e de Esparta, defronte aos persas a partir dos governos de Dario seguido por Xerxes. Nesse sentido, prescreve-se um curso propriamente geográfico nos primeiros livros e, em tendência à especificidade da guerra greco-pérsica, caminha-se para uma geopolítica altamente acurada.

Há mais. Em reforço da discussão acerca do método geográfico como condutor da narrativa, alicerça-se a pensar que: “Se Heródoto surge como um dos

fundadores da geografia, é porque descreve o mundo de seu tempo de maneira diferente: o seu relato não é de um viajante que enumera etapas de um itinerário” (Claval, 2015, p. 25). Durante a prosa, nota-se uma conexão histórico-geográfica através dos movimentos marcados pela continuidade temporal e pela descontinuidade espacial, ou seja, a história é tratada pela sucessão dos eventos e a geografia, pela simultaneidade dos eventos. Com essas abordagens temporal e espacial: “Heródoto apresenta conjuntos territoriais que define pelos seus limites, tal como aparecem num mapa, e pelos seus traços comuns, a visão sintética, que implica que se saiba mudar de escala, encontra-se já presente.” (Claval, 2015, p. 25). A concepção do discurso segue em uma técnica de escalaridade em dois sentidos: primeiro, através da indução dos eventos diminuindo a escala ao plano territorial e segundo, conforme os textos avançam – na inflexão entre o quarto e quinto livros – em uma dedução dos eventos na abertura da grande escala.

Há, então, uma complexa articulação entre o tempo e o espaço, partindo da modulação da escala ao decorrer da obra. Esse sentido promove o processo germinal da mundialização manifestada na técnica articulada pelo autor. Percebe-se, inclusive, a seguinte mobilização entre os lugares descritos e a obra escrita:

os lugares têm significado [...]. A literatura é somente um caminho pelo qual esses significados são produzidos pela cultura e atribuímos ao lugar, assim como o lugar é frequentemente apropriado para produzir significados na literatura. (Thrift, 1983, p. 21 apud Holzer, 2016, p. 288)

Cada lugar narrado por Heródoto é circular, transpassando, entre sua percepção e sua compreensão, a totalidade do mundo: tanto grego quanto bárbaro (não-grego). A *História* é um discurso relativo aos gregos perante o mundo, situando-a em uma camada finita de pensamento: “O discurso é subtraído à lei do devir e se estabelece em uma intemporalidade descontínua. Imobiliza-se por fragmentos: estilhaços precários de eternidade.” (Foucault, 2022, p. 203). Ao perpassar da trama literária – sendo literatura um conceito moderno –, os lugares são materializados na obra como realidades, tanto por suas averiguações materiais quanto pelo compartilhamento do sistema de pensamento às marcas alegóricas.

Em vista de salientar a camada epistêmica, absolutamente tudo que foi materializado pelo conjunto de palavras formadoras de frases e, no ápice, de ideias pelos livros herodoteanos, são horizontes existentes fora de sua consciência. A consciência legisla a ordem das palavras, mas não as criou e, conforme as regras linguísticas, possui uma limitação nas combinações. O que é Heródoto, afinal? Nada em si. Somente quem ele é possui uma existência autoral, isso e nada mais. A condição arqueológica permite aferir que o método geográfico e as técnicas diversas de temporalização escalar são – contra a centralização ontológica – constituídas pelo pensamento grego, sendo irrelevante o Heródoto para essa aferição, a não ser para atestar a concretude de uma das diversas possibilidades. Por fim, alia-se a dizer que Heródoto não existe, todavia, ao dizer isso, ressalta-se a existência de um pensamento amalgamado pelas consciências de seu tempo e de seu espaço.

3. A Grécia existe

Que escândalo confrontar a geografia não à ciência e aos seus critérios, mas às estratégias e ideologias! Também escândalo para os historiadores que geógrafos se apoderem do “pai da história” [...] Heródoto é também o primeiro verdadeiro geógrafo.

(Lacoste, 2012, p. 17)

Pela perspectiva da *episteme*, o pensamento situado histórico-geograficamente é delimitado nas rupturas de descontinuidades. As fronteiras de uma camada a outra marcam a transição da verdade de um discurso em outro. O fio de como a verdade desenvolve-se sempre coliga a natureza e o homem, ressalta-se:

O homem recebe da natureza aquilo com que fazer signos e estes signos lhes servem primeiramente para se entender com os outros homens a fim de escolher aqueles que serão retidos, os valores que lhes reconhecerá, as regras de seu uso (Foucault, 2016, p. 149)

Nesse sentido, progride-se a linguagem como base imaterial das possibilidades a serem materializadas, ao seguinte passo:

a linguagem modifica-se não tanto como as migrações, o comércio e as guerras, ao sabor do que sucede ao homem ou ao capricho do que ele pode inventar, mas, sim, sob condições que pertencem propriamente às formas fonéticas e gramaticais (Foucault, 2016, p. 509)

Com isso, as regras do que se pode ou não ser dito são as principais regentes do mecanismo o qual constrói os raciocínios – lógicos ou não – voltados a discursar a verdade de uma camada sobre a integralidade do mundo.

Em prospecção do curso da transformação contínua da língua grega, a qual falava Heródoto, perpassam-se diversos povos e, tão logo, diversas verdades em um perpétuo processo. O trajeto pode ser embasado neste curso histórico:

Foram mercadores da Fenícia, aventureiros da Frígia, da Macedônia e da Ilíria, gálatas, citas, bandos de exilados ou de fugitivos que carregaram a base primitiva da língua grega de tantas espécies de partículas inumeráveis e de tantos dialetos. (Pluche, 1811, p. 26 apud Foucault, 2016, p. 126)

Assim, reserva-se a dizer que o que fora dito pelo pai da historiografia é fruto das múltiplas verdades subsequentemente substituídas até chegar-se à sua produção literária. Tanto é, pois, que suas inverdades são frutos das verdades de seu tempo, por exemplo: “O ‘Pai da História’ positivamente não acreditava na *redondeza* da Terra” (Azevedo, 1965, p. 105, destaque do autor). É esperado assinalar, haja vista esse excerto, que os gregos compartilhavam do universo mental e do linguístico cuja Terra não é esférica; em outro caso, cita-se:

Heródoto confessou que jamais pôde saber ao certo qual o total de *habitantes* da Cítia. Apenas soube informar que os verdadeiros Citas, os que vagabundeavam pelas estepes, eram um número bastante reduzido. (Azevedo, 1965, p. 113, destaque do autor)

Portanto, revela-se a simplicidade de certas informações, como a densidade populacional, trabalhadas na demografia herodoteana; ainda há muito por se fazer, em outras formas discursivas, na história da ciência.

Dessarte, a Grécia é um pensamento construído pela historicidade e regido pela linguagem: as limitações e as láureas da escrita herodoteana são frutos de sua época. Através da fase de alteridade, os gregos – e Heródoto estava a par – descobriam a si mesmos nos Outros, isso porque a Grécia não é exclusivamente grega, à guisa de exemplificar: “Teria vindo também dos Líbios para os Gregos o hábito de atrelar quatro cavalos a seus carros.” (*História*, IV, 189), ou “Disseram-me [os Egípcios] também que os Egípcios haviam sido os primeiros a dar nome aos 12

deuses e que os Gregos tinham adotado tais nomes.” (*História*, II, 4), ou “foram também os Egípcios os primeiros entre todos os povos a instituírem festas ou reuniões públicas, procissões e oferendas, costumes esses adotados pelos Gregos.” (*História*, II, 58), ou “Os nomes das festas dos Iônios terminam sempre pelas mesmas letras, tendo elas isso em comum com a dos Gregos e com os nomes próprios dos Persas.” (*História*, I, 148), ou

Todos são unânimes em afirmar que os Egípcios foram os primeiros a estabelecer a noção de ano, dividindo este em 12 partes, segundo o conhecimento que possuíam dos astros. Parecem-me eles nisso muito mais hábeis do que os Gregos. (*História*, II, 4)

Dessas incorporações, a cultura grega renova-se na constante inter-relação com outros povos, aglutinando a si o Outro, em um incurso de antropofagia imaterial.

Ao revés, tal como o caminho de assimilação, encontra-se o caminho de diferenciações discursivas interdidas pela cultura grega. Nesse passo, têm-se como exemplos: “Os Citas reprovavam aos Gregos a celebração de bacanais, e julgavam contrária à razão a ideia de um deus que leva os homens a tais extravagâncias.” (*História*, IV, 79), ou

os Cários, habitantes da Índia, acostumados a comer os cadáveres dos pais, e perguntar-lhes, na presença dos Gregos, quanto queriam para queimar os pais depois de mortos. Os Indianos, horrorizados com a proposta, pediram-lhe para não insistir numa linguagem tão odiosa. (*História*, III, 38)

ou

Hércules, dizem eles, tendo chegado ao Egito [...] o conduziram com grande pompa ao templo, revelando a intenção de imolá-lo a Júpiter. [...] Os Gregos dão a entender [...] não terem o menor conhecimento do caráter dos Egípcios e de suas leis. (*História*, II, 45)

ou

Os egípcios foram também os primeiros que, por princípios religiosos, proibiram o comércio sexual com as mulheres nos lugares sagrados [...] Todos os outros povos, com exceção deles [Cários] e dos Gregos, agem de modo contrário (*História*, II, 64)

ou “Os Persas a que há pouco nos referimos foram os primeiros a virem da Ásia à Grécia para fazerem o reconhecimento desse país.” (*História*, III, 138), ou “De

acordo, porém, com as tradições dos Persas, Perseu era assírio, tornando-se grego depois, embora seus pais não o fossem.” (*História*, I, 120). Estranham-se, os gregos, pela diversidade de ritos nas margens geográficas de seu mundo, reforçando, através das diferenças, as fronteiras entre cada civilização.

Essa camada de alteridade, rica de identidades e de diferenças, concorre como uma construção posterior à camada egoica, pouco discutida pelo halicarnassiano, porém, sendo Heródoto muito lúcido desta ausência:

Durante muito tempo ignorou-se a origem de cada deus, sua forma e natureza, e se todos eles sempre existiram. Homero e Hesíodo, que viveram quatrocentos anos antes de mim, foram os primeiros a descrever em versos a teogonia, a aludir aos sobrenomes dos deuses, ao seu culto e funções e traçar-lhes o retrato. Os outros poetas, que se diz tê-los precedido, não existiram, na minha opinião, senão depois deles. Sobre o que acabo de relatar, uma parte colhi com as sacerdotisas de Dodona; mas no que concerne a Hesíodo e Homero, os dois grandes poetas a que acima faço referência, nada mais faço do que emitir minha opinião pessoal. (*História*, II, 53)

Heródoto estava ciente de que sua camada era cabalmente distinta da passada. Sua discussão não percorria os horizontes de justificar a existência de deuses e de heróis, mas visava ao fluxo da linguagem entre os povos e como as histórias deles transformavam-se. Dentre os diversos incursos históricos, encontram-se os: “Tegeatas. Esse povo era, outrora, o menos civilizado entre os Gregos, e não fazia nenhum comércio com os estrangeiros nem mesmo entre si; mas depois passaram, da maneira que vou contar, a possuir melhor legislação.” (*História*, I, 65). Com isso, a evolução, a partir das mudanças, são recorrentes na obra. No ápice, são permitidos paralelismos: “O texto de Heródoto e seus desdobramentos modernos: uma questão imperialista (o caso britânico)” (Hering, 2004, p. 176). A concepção dos impérios é seminal nas genealogias históricas das civilizações discutidas pelo autor, fornecendo uma trama vívida das relações, tanto racionais quanto emocionais, traquitadoras do desenvolvimento imperial.

Outrossim, permite-se não somente ver a constituição dos gregos a partir dos gregos, mas também o Outro toma forma de espelho de aproximações e de afastamentos para com a Grécia. O mais célebre caso é deste filósofo cita:

“Anacársis foi realmente morto da maneira a que nos referimos, e teve esse triste fim por haver praticado costumes estrangeiros e mantido relações com os Gregos.” (*História*, IV, 77). Ao voltar para a Cítia, agregando costumes gregos, foi morto sem demora, mostrando que a Grécia não era uma civilização exemplar para todas as outras culturas; inclusive, era, por vezes, medrosa: “Os Atenienses [...] foram os primeiros de todos os Gregos a enfrentar impetuosa desassombradamente os Medos, quando até então o simples nome Medos inspirava terror aos Gregos.” (*História*, VI, 112). Nesse caminho, observa-se o processo de pensamento grego em consciência de sua relativa significância, a saber, a fase egoica, homérica e hesiódica, estava terminantemente encerrada.

Há, por outros enlaces, mais. Em vista da analítica discursiva, perpetra-se na seguinte definição: “o termo discurso poderá ser fixado: conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (Foucault, 2022, p. 131). Com isso, instiga-se um dos principais enunciados refletidores do discurso da guerra greco-persa neste excerto de Artábano para Xerxes: “ou as nossas terras passarão para o domínio dos Gregos, ou toda a Grécia para o nosso. Não há meio-termo; a inimizade que reina entre as duas nações não o permite.” (*História*, VII, 11). Esse dito é verdadeiramente o pensamento por escrito de algo que não necessitava ser materializado em palavras. Isso posto, acomete-se a outras possibilidades de estudo de enunciados tal como: “O Discurso Parresiástico de Michel Foucault aplicado à História Antiga – um estudo de caso sobre o rei espartano Demáratos” (Assumpção, 2013, p. 226). Com isso, o discurso é par da história tal como o enunciado é par do evento, cada evento é unidade entre unidades de um discurso que é uma totalidade entre outras totalidades: isso no espaço e no tempo.

Ao rumo da linguagem, perpetra-se em uma maquinaria de regras que limitam possibilidades infinitas, produzindo em cada povo um sentido explicativo de seu próprio mundo. Assim, conduz-se a refletir no seguinte processo:

a partir de designações primitivas, a imaginação dos homens (segundo os climas em que vivem, as condições de sua existência, seus sentimentos e paixões, as experiências que fazem) suscita derivações que são diferentes

conforme os povos [...] e que explicam, sem dúvida, além da diversidade de línguas, a relativa instabilidade de cada uma. (Foucault, 2016, p. 282)

Em cada cultura um discurso é produzido, circular à palavra e à coisa, mas plausível de semelhanças tal como: “a prática da magia é atribuída a povos inteiros, como as tribos líbias de que Heródoto fala ou os ofiogenes em torno de Parium, no Chipre, que curavam picadas de cobra.”³ (Hubert, 2021, p. 132, tradução nossa). Por essas condições, acomete-se que a compreensão de um povo é, tão já, a compreensão de sua linguagem e vice-versa. Ambos auxiliam a compreensão de si no Outro e do Outro em si.

Em guisa de arremate, há em Heródoto um explícito mecanismo de constituição da Grécia, em suas identidades e em suas diferenças para com cada povo horizontado pelo conhecimento grego. A Grécia, portanto, é um discurso, infindo de enunciados possíveis: mas, sob a condição das regras linguísticas, pauta-se por um sentido de reflexão de si mesma na camada discorrida pelo halicarnassiano. O incurso de explicitar que a Grécia é um discurso encaminha-se uma repleta geografia historiográfica na perceptividade de uma cultura sobre si mesma. Os gregos são questionadores de sua formação, de modo científico, isto é, buscando uma base sólida que fundamente a própria condição histórica. Desse modo, a reflexão herodoteana se eternaliza, inclusive, como método de autoanálise cultural, principiando, no mosaico de povos do mundo geográfico, uma interação viva.

4. Considerações finais

Ao caminho da profusão da arqueologia do saber, encontra-se uma discussão que entremete os discursos no espaço e no tempo em camadas de pensamento, a saber, como *episteme*. Assim, desvela-se como uma perspectiva de pensamento pautado nas diferenças e nas discontinuidades, marcando as passagens de um pensar e outro. Conforme a linguagem, a constituição de autores é nó em uma rede de feixes que perpassam, histórico-geograficamente, as obras literárias. Entre elas, estudou-se, aqui, a *História* de Heródoto de Halicarnasso, visando a conceber em seu

³ “la pratique de la magie à des peuples entier, comme ces tribus libyenne dont parle Hérodote ou les ophiogènes des environs de Parium en Chypre, qui guérissaient les morsures de serpents.”

discurso a reflexão tomada arqueologicamente por seu povo: uma intensa discussão sobre o que é a Grécia.

Duas camadas foram estabelecidas como inflexão do pensamento grego: primeira, em uma fase egoica (pela camada mítica) e segunda, em uma fase de alteridade (pela camada realista). Entre herois com Homero e deuses com Hesíodo, a primeira *episteme* é de suma constituição de um autoconhecimento centralizado na própria história, sem a ausculta das interações complexas, tomando a verdade de modo cosmológico. Outrossim, entre a guerra greco-persa com Heródoto e a guerra do Peloponeso com Tucídides, uma reflexão de embate cultural é exercida em uma *episteme* dialógica entre as culturas diversas; nesse prumo, a verdade é materializada, não mais em ditos, mas em vistos a partir da construção discursiva da trama do mundo conhecido.

Nesse perpassar, o pai da história, pai da mentira, pai da geografia, pai da historiografia corresponde a um ser pouco importante arqueologicamente, haja vista que o pensamento espaço-temporalmente situado de seu povo já elucidava seus escritos: história, mentira, geografia, historiografia. Não há nada dito por Heródoto que não seja replicação de enunciados dentro de um discurso regrado pela gramática, semântica, léxico e material escrito. Heródoto não existe, mas a Grécia existe. Esta é, tão somente, um discurso em um processo infundável de reconstituição ao princípio das relações interculturais. Desse passo, os horizontes do pensamento são o fundamento da ontologicidade de cada povo do mundo diferencial.

O trabalho, portanto, atingiu duas relações de suma relevância à arqueologia do saber grego: a presença de duas camadas (egoica e de alteridade) entre os herois e os deuses e, ademais, o encontro de si no Outro e do Outro em si feito na reflexão herodoteana. Ambas as reflexões são bases do mecanismo discursivo da Grécia e, a partir dessas sentenças, infundáveis enunciados podem ser admitidos. Ao fim, espera-se que a discussão geográfica tenha ampliado as múltiplas perspectivas de leitura do mundo grego, permitindo as reflexões de autoanálise e meta-análise

incutidas no pensamento descontínuo dos próprios gregos. Arqueologicamente, o pensamento geográfico é a conscienciosidade da época, ou seja, a geografia existe e eu não.

REFERÊNCIAS

FONTES

HERÓDOTO. **História**: volume 1. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a.

HERÓDOTO. **História**: volume 2. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b.

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. 5ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

HOMERO. **A Ilíada**. 3ª ed. Portugal: LB Europa-américa, 1999.

TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

BIBLIOGRAFIA

ASSUMPÇÃO, Luis. O Discurso Parresiástico de Michel Foucault aplicado à História Antiga – um estudo de caso sobre o rei espartano De Maratos. **Aedos**, v. 5, n. 13, p. 226-241, 2013.

AZEVEDO, Aroldo. **O Mundo Antigo**: expansão geográfica e evolução da geografia. São Paulo: Buriti, 1965.

CLAVAL, Paul. **História da geografia**. Lisboa: Edições 70, 2015.

DARDEL, Eric. **L'histoire, science du concret**. Paris: Presses Universitaires de France, 1946.

FLORES, Moacyr. Heródoto e a construção da História. **Historiæ**, Rio Grande, v., n. 3, p. 9-16, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2022.

GADAMER, Hans. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

HEGEL, Georg. **Fenomenologia do espírito**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HERING, Fábio. O texto de Heródoto e seus desdobramentos modernos: uma questão imperialista (o caso britânico). **Mneme revista de humanidades**, Caicó, v. 5, n. 10, p. 176-204, 2004.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista**: sua trajetória 1950-1990. Londrina: Eduel, 2016.

HUBERT, Henri. **A magia no mundo greco-romano**. Ed. bilíngue. São Paulo: Ed. USP, 2021.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra**. Campinas: Papirus, 2016.

LIVERANI, Marcio. **Antigo Oriente**: História, Sociedade e Economia. São Paulo: Ed. USP, 2020.

MORAES, Antonio. Foucault e a Geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 66, p. 129-138, 2017.

PLUCHE, Noël-Antoine. **La mécanique des langues**. Lyon: J. Ayné, 1811.

THRIFT, Nigel. Literature, the production of culture and the politics of place. **Antipode**, Oxford: Blackwell Publishing, v. 15, n. 1, p. 12-24, 1983.

VICO, Giambattista. **Princípios de (uma) Ciência Nova**: acerca da natureza comum das nações. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.